

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Lula Marques/Agência Brasil



Flávio Bolsonaro pediu dinheiro ao Banco Master

Pesquisa encarada como termômetro da nova crise

A pesquisa que o Datafolha deverá divulgar nesta sexta servirá como parâmetro para uma eventual mudança em candidaturas da oposição para a eleição presidencial. A grande curiosidade é saber se, de algum modo, os números refletirão o vazamento das conversas e gravações entre o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e o ex-banqueiro Daniel Vorcaro.

De acordo com os dados apresentados ao Tribunal Superior Eleitoral, os pesquisadores fizeram o trabalho de campo entre terça e ontem: ou seja, parte das entrevistas ocorreu depois da divulgação dos diálogos pelo Intercept Brasil, ocorrida no início da tarde de quarta. Horas depois, o caso já estava em diversos sites.

Pequenos detalhes

O fato de o vazamento ter ocorrido durante a coleta de entrevistas — antes, portanto, de uma repercussão ampla do caso — impedirá uma avaliação mais precisa de seu impacto na opinião pública.

Dai a atenção para pequenos movimentos na pesquisa, como uma eventual queda em intenções de voto em Flávio Bolsonaro e um aumento de percentuais de candidatos como Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo).

De olho no centro

Um ponto importante é o comportamento do eleitor mais ao centro: o questionário do Datafolha inclui perguntas para identificar tendências políticas dos entrevistados e suas simpatias pelo PT ou pelo bolsonarismo.

Numa eleição que promete repetir a lógica da polarização, os olhos dos partidos estão focados, principalmente, nos eleitores independentes.

A expectativa do governo é que Flávio Bolsonaro perca já algum apoio nesse grupo, que tende a rejeitar o radicalismo bolsonarista.

Divulgação



Vorcaro: pressionado pela prisão do pai

Em nome do pai

A prisão de Henrique Vorcaro, pai do ex-dono do Master, foi vista com preocupação por muitos políticos.

Há o temor que o fato gere uma pressão adicional em Daniel e faça com que ele aceite dar uma guinada em sua proposta de delação. A primeira versão da colaboração foi considerada inválida pela Polícia Federal e pela Procuradoria-Geral da República.

Espera

O Republicanos vai esperar para avaliar as consequências do caso Flávio. O partido não descarta a possibilidade de tomar outro rumo na disputa presidencial e, assim, não apoiar o senador. Por lá, o episódio só aumentou a irritação com o fato de Jair Bolsonaro ter rejeitado a candidatura de Tarcísio de Freitas.

Vingança

No MDB, a aposta é de que as notícias da ligação de Flávio com o Master vão reforçar a distância que o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, vinha mantendo do pré-candidato do PL. O emedebista também não digeriu o pouco caso com que foi tratado por Bolsonaro em 2024, quando conseguiu se reeleger.

Complicou

Ao declarar que não recebeu dinheiro do Master para o filme sobre Jair Bolsonaro, a produtora Go Up complicou a situação de Flávio. Reforçou também a suspeita de que pelo menos parte do dinheiro tenha sido usada para bancar a permanência e atuação de Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos.

Naufrágio

A divulgação das conversas entre Flávio e Vorcaro gerou desânimo no meio empresarial. Segundo uma importante liderança, o senador fluminense nunca foi visto como um barco ideal pelo setor, mas como única tábua viável, capaz de impedir a permanência do PT no poder. Há o medo de que os diálogos afundem a tábua.

Esperança

A tendência entre grandes empresários também é de esperar para ver; há a expectativa que o caso, a exemplo de tantos outros, acabe diluído e não gere maiores consequências. Existe também a esperança de vazamentos do caso Master que possam comprometer petistas, especialmente da Bahia.

Irritação com Zema

Ao criticar de forma violenta as conversas de Flávio com o dono do Master, o ex-governador de Minas, Romeu Zema, pré-candidato à Presidência pelo Novo, criou arestas graves com os donos do dinheiro. O tal do mercado ficou irritadíssimo com suas declarações, tidas como, no mínimo, precipitadas.



Henrique Vorcaro é acusado de liderar "A Turma"

Nova fase de operação da PF prende pai de Vorcaro

Henrique Vorcaro repassava dinheiro para "A Turma"

Por Gabriela Gallo

Mais um membro da família do dono do Banco Master, Daniel Vorcaro, virou alvo da investigação acerca do rombo de R\$ 52 bilhões que a instituição financeira deixou no Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Após a prisão do cunhado Fabiano Zettel (detido em 4 de março) e do primo Felipe Cançado Vorcaro (em 7 de maio), desta vez o detido foi o pai do banqueiro, Henrique Vorcaro, que foi alvo da sexta fase da Operação Compliance Zero, deflagrada pela Polícia Federal (PF) nesta quinta-feira (14) por determinação monocrática do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça, relator do caso Master no Supremo. A prisão do pai do dono do Master reforça a pressão para um possível acordo de delação premiada entre Daniel Vorcaro e o banco Master.

Ele é acusado de liderar uma suposta milícia pessoal, denominada de "A Turma", que atuava como um núcleo operacional ao esquema criminoso do banco que era responsável pelas práticas de "ameaças, intimidações presenciais, coerções, levantamentos clandestinos, obtenção de dados sigilosos e acessos indevidos a sistemas governamentais".

O documento ainda aponta que Henrique tinha "o papel de destinador de recursos para o financiamento da 'Turma', sendo o valor de R\$ 400 mil compati-

vel com a quantia que, segundo as investigações, era destinada mensalmente à manutenção do grupo".

Um relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), que é citado nas investigações, aponta que as empresas ligadas à família Vorcaro (em especial a Multiplar da qual Henrique é presidente), movimentaram R\$ 1 bilhão em transações consideradas atípicas entre contas relacionadas ao ecossistema do banco. Em outras palavras, a movimentação financeira, era para esconder patrimônio e sonegar a receita.

Própria PF

Além do pai de Daniel Vorcaro, também integravam "A Turma" agentes da própria PF. São eles: os policiais federais aposentados Marilson Roseno da Silva e Sebastião Monteiro Júnior e o policial federal em atividade Anderson Wander da Silva Lima. Também atuava Manoel Mendes Rodrigues, "apresentado como 'empresário do jogo' no Estado do Rio de Janeiro e líder de um braço local do grupo, composto por pessoas ainda não identificadas", ou seja, ligado à milícia e ao jogo do bicho no Rio de Janeiro.

Ainda segundo as investigações das autoridades, foi identificado outro núcleo operacionais para o esquema, batizado de "Os Meninos", que seria voltado para ações tecnológicas.